PODER POR MEIO DOS JORNAIS: OS JESUÍTAS E BENTO MILAGREIRO NO RECIFE, NA DÉCADA DE 1910

Clara Maria Luna Varjão Schettini[1]
José Diego Ferreira Cezar[2]
João Victor de Oliveira Estevam[3]

RESUMO: As mudanças trazidas pela inauguração da República brasileira e o consequente decreto 119-A, de 1890, abriram espaços para liberdade religiosa na sociedade. Assim, surgiram as mais variadas expressões de manifestações da fé e de novos agentes religiosos na capital Pernambucana. Nos diversos jornais do Recife surge um homem dito como "milagreiro", de nome Bento, de Beberibe, figura muito criticada e adorada por alguns fiéis em torno dele. Dessa forma, buscamos compreender e analisar a figura mencionada e seu papel na disputa do campo religioso do Recife na década de 1910. Também os jesuítas estavam passando por um período conturbado, expulsos de Portugal em 1910, por advento da criação da república, os inacianos procuraram no Brasil um novo recomeço. Encontraram, no entanto, um ambiente dividido e foram atacados por alguns jornais pernambucanos, que provavelmente viam nos inacianos uma ameaça devido a ligação deles com assuntos de política e educação. Desta forma, utilizaremos a metodologia da Tania Regina de Luca para compreender os periódicos e a perspectiva do sociólogo Bourdieu para análise do campo religioso e a disputa de poder.

PALAVRAS-CHAVE: Igrejas, Poder, Movimentos de resistência, Imprensa.

1 INTRODUÇÃO

Com a Proclamação da República e em novembro de 1889 uma nova forma de governar foi instituída que desvinculava o estado da igreja, trazendo assim a possibilidade de novas religiões se estabelecerem no território brasileiro, não que isso não acontecesse

[1] Pesquisadora do projeto "As narrativas do sagrado, suas comunidades, seus agentes, seus espaços e suas celebrações, na história da sociedade brasileira da época republicana" orientada pelo professor Dr. Luiz Carlos Luz Marques da Universidade Católica de Pernambuco. claravarjaoschettini@gmail.com
[2] Pesquisador do projeto "GABRIEL MALAGRIDA: o que fala ao presente o jesuíta que a inquisição de Pombal queimou?" orientado pelo professor Dr. Luiz Carlos Luz Marques da Universidade Católica de Pernambuco. jose_diego2010@hotmail.com
[3] Pesquisador do projeto "Declarada e coroada: as narrativas em torno de Nossa Senhora do Carmo, no início do século XX" orientado pelo professor Dr. Luiz Carlos Luz Marques da Universidade Católica de Pernambuco. joaoviictor65@gmail.com

antes desse período, entretanto a partir desse momento começou a se difundir a liberdade religiosa.

Esse regime republicano corroborou para a expansão do protestantismo, que já havia começado a se instalar no brasil no período da invasão holandesa no Recife, essa primeira fase ficou conhecida por evangelismo de invasão e deixou uma marca que ligava os protestantes a invasores/intrusos que pouco tempo depois foram expulsos, e mais tarde com o início das políticas de imigração ainda na monarquia esse movimento voltou a acontecer com mais força, pois esses membros da religião protestantes não deixaram de existir no Brasil, porém sua ação de proselitismo, como veremos mais tarde, não aconteciam. O governo imperial divulgava políticas vantajosas para imigrantes no final do período imperial (nem todas cumpridas), como pagar pela passagem marítima e alimentação durante a viagem; concessão de utensílios agrícolas e primeiras provisões; os emigrantes que tinham dinheiro ganhavam uma maior porção de terra; livre do serviço militar obrigatório; aos não católicos a opção de casas de oração e escolas que são concedidas pelo governo; equiparação política com os demais súditos do império

> [...] graças ao caráter independente e privado com que cada comunidade luterana criava seus estatutos, parte dos governos do Império, não vendo no protestantismo uma ameaça a religião oficial, a católica, tolerou-as e de certo modo favoreceu-as (ALENCASTRO; RENAUX, 1997, p.327).

Em decorrência da separação do Estado e da Igreja Católica com a proclamação de República houve o aumento desse movimento protestante o que gerou conflitos em todo território nacional. Em outra pesquisa sobre a região sul do Brasil percebemos os conflitos que existiam entre diferentes religiões cristãs pelo domínio do espaço social local especialmente o conflito entre protestantes e católicos das colônias alemãs que acontecia por diversos fatores, apesar da religião protestante ter sido reconhecido oficialmente em 1870. Uma das causas do conflito era o excesso de feriados católicos, que deixava os protestantes (minoria comparada aos católicos) na defensiva, além das várias promessas que foram feitas no momento da imigração pelo Império e que depois foram deixadas de lado.

Os líderes católicos tinham uma visão sobre eles mesmos que justificava sua posição de poder na sociedade e justificava a antiga ordem social estabelecida, e as rupturas causada pela reforma liderada por Martinho Lutero foi o início dos males da modernidade que deviam ser combatidos.

Como veremos ao longo da pesquisa esses males são combatidos de maneiras que vão além da violência física, que chega a acontecer, e entram no campo da violência simbólica que, segundo Bourdieu (2020), é o costume de impor uma dominação ou superioridade de um grupo em relação a outro. Isso pode ser visto no fato da Igreja Católica juntar todas as religiões protestantes em um mesmo grupo de hereges que foram uma das causas do surgimento dos tribunais do Santo Ofício.

> A força simbólica é uma forma de poder que se exerce sobre os corpos, diretamente, e como por magia, sem qualquer coesão física; mas essa magia só atua com o apoio de predisposições colocadas, como molas propulsoras, na zona mais profunda dos corpos (BOURDIEU, 2020, p. 69).

E na nota de rodapé dessa passagem do seu texto Bourdieu exemplifica o que seriam essas predisposições:

> Pode-se pensar nesses termos a eficácia simbólica da mensagem religiosa (bula papal, pregação, profecia etc.), que repousa claramente em um trabalho prévio de socialização religiosa (catecismo, frequência ao culto e, sobretudo, imersão precoce no universo impregnado de religiosidade) (BOURDIEU, 2020, nota de rodapé p. 69).

Em Pernambuco, onde o diácono Manuel José da Silva Vianna chega no Recife em 1873, sendo considerado o fundador da Igreja Evangélica nesse estado, vemos ataques a templos protestantes, agressões a missionários, críticas sobre o casamento civil e direitos políticos de grupos que não eram católicos. Na primeira década do século XX esse conflito leva a criação da liga contra o protestantismo em 1902 e ao evento da Queima das Bíblias em 1903 que encontramos em mais detalhes na pesquisa de Evily Lima Menezes (2019).

Outro fator importante desse período é o desenvolvimento e fortalecimento da imprensa no Brasil que torna público esses conflitos e tensões nos mais diversos campos de poder da sociedade. E usando a metodologia de Tania Regina de Luca (2015) usamos as publicações da imprensa do período em Pernambuco sempre atentos ao fato que essas publicações não são objetivas ou neutras. Como vemos na fala da escritora francesa Marguerite Duras "Um jornalista é alguém que observa o mundo e o seu funcionamento, (...). E não consegue fazer este trabalho sem julgar o que vê. É impossível. Em outras palavras, a informação é um logro total. Uma impostura" (1985, p.9, apud LUCA, 2015, p. 139). Por isso devemos atentar para quais eram as funções e objetivos da publicação, que grupo era responsável por esse periódico e quem especificamente escreveu o artigo escolhido para ser analisado. Quem lia esse jornal e quais as questões levantadas?

Em nossa pesquisa focamos em dois personagens do período, sendo um deles o grupo de jesuítas expulsos de Portugal, o outro é um homem conhecido como Beto Milagreiro de Beberibe. Através das fontes jornalísticas iremos analisar como se encontrava as disputas religiosas no campo do Recife na década de 1910.

2 BENTO "MILAGREIRO": BIOGRAFIA E TRAJETÓRIA

Diversos jornais da capital Pernambucana evidenciaram na década de 10 um suposto "milagreiro" de Beberibe, de nome Bento José Veiga, que, chegou a reunir mais de mil pessoas em sua volta. O "milagreiro" apareceu em anúncios de 6 jornais: "Jornal Pequeno"; "Diário de Pernambuco"; "Jornal de Recife"; o jornal "A Província" e o "Jornal Almanach". Bento ganha destaque no "Jornal Pequeno", com um total de 56 publicações em diferentes momentos e épocas. No diário, o "milagreiro" apareceu 33 vezes, no jornal do Recife 14 vezes, no jornal "A província" 6 vezes.

Como dito, o "Jornal Pequeno", que tinha como proprietário e diretor o jornalista, Thomé Gibson, publicou a respeito do "milagreiro" pela primeira vez na sexta feira, 08 de novembro. "Em Beberibe: Diariamente os trens de Beberibe conduzem centenas de pessoas que vão consultar Bento, o milagroso"[4].

[4] REPORTER NÃO IDENTIFICADO. Jornal pequeno. Recife. Ano XIV, 08/11/1912. N° 257, p. 1

Mas afinal, quem será esse Bento Milagroso? Em nossa pesquisa, descobrimos por meio de vários jornais que, o suposto "milagreiro", tratava-se de Bento José Veiga, homem de 42 anos, natural de Goiana, Pernambuco, que residia há cerca de 20 anos, desde 1890, no distrito de Beberibe, num casebre, perto da estrada da caixa d'água, local onde pegava sua água para a cura dos seus devotos. Não identificamos o estado civil de Bento, não fora mencionado em nenhuma ocasião por ele ou seus fiéis. Em seus atendimentos constatamos que Bento não cobrava pela consulta, mas aceitava doações. Bento concede uma entrevista ao "Jornal Pequeno" no dia 09 de novembro de 1912, na ocasião foi entrevistado por um repórter que não se identifica na matéria O jornalista faz vários questionamentos a Bento, cujo alguns colocamos no tópico seguinte referente ao seu método de cura, o "milagreiro", ainda, afirma ao jornalista que o entrevistou que atua por meio de Deus e da Virgem Maria, não sendo um praticamente do espiritismo kardecista. Na ocasião, na presença do repórter, Bento atende um pai, que relata ter sete filhos e uma das crianças de um ano, estava com tuberculose. Assim, Bento aconselha o pai, José Salomão, a comprar duas garrafas de mel de abelha, sendo uma para criança e outro para o pai. O repórter, na entrevista, pede a Bento uma prova de suas curas e o curandeiro afirma: "só posso fazer com liberação dos espíritos e eles não me deram a autorização".

No dia 11, segunda feira, mais uma vez, o "Jornal Pequeno" evidencia as práticas de Bento, desta vez afirmando que curandeiro descobriu seus poderes de cura no Amazonas por meio dos caboclos. Na terça feira, 12 de novembro de 1912, o "Jornal Pequeno", exibe novamente um retrato do milagroso e seus fiéis. A matéria tem o seguinte título: "Em Beberibe: Bento "Milagroso" cercado de populares, aos quais acabará de distribuir centenas de frascos contento a água milagrosa"[5], nesta reportagem exibe uma foto de Bento com dezenas de devotos ao seu redor, afirmando que mais de 4.000 pessoas vindas de várias partes do estado o procuravam em busca da cura. Assim, a fama de Bento se propagava cada vez mais. A situação começou a mudar no mesmo dia 12 de novembro, quando Bento atendeu somente até o meio-dia, quando foi informado que haviam

[5] REPORTER NÃO IDENTIFICADO. Jornal Pequeno. Recife. Ano XIV, 08/11/1912. N° 258, p. 2

envenenado a água do rio, cujo ele utilizava para atender seus devotos e um homem estava armado com a intenção de matar o "santo". Assim, o atendimento foi suspenso e os fiéis foram dispensados.

2.1 O SISTEMA DE CURA

Bento notou seu poder de cura enquanto residia no Amazonas onde residiu por sete anos, de 1903-10. Segundo o curandeiro em entrevista ao "Jornal Pequeno", no dia 9 novembro, Bento descobriu seu poder de cura enquanto esteve na floresta amazônica: "para aprender eu tive que passar oito dias dentro das matas, esquecendo o mundo, quase morto, para os espíritos escutar ao meu chamado[6]". Além disso, o jornalista pergunta a respeito da sua alimentação e o mesmo responde: "os espíritos me davam o sustento". Bento ainda afirma o momento de contanto com os espíritos: "Puxam-se os treze raios do sol e as doze estrelas coroadas, principalmente a Vênus, Júpiter e Mercúrio", segundo Bento era necessário que os espíritos o ajudassem com o auxílio do sol e da lua. Em seu método de cura, Bento não examinava os doentes[7] que batiam em sua porta, "não era preciso examinar, basta ver os doentes e logo invoco os espíritos" Ademais, o curandeiro acreditava que os espíritos falavam por sua boca.

A cura consistia por meio de uma água milagrosa, que ficava dentro de um vaso em sua casa. Nesta água, segundo Bento, estava um espírito que havia de curar as pessoas. Verificamos, também, que o "milagreiro" relacionava a cura a um banho 'poderoso', sem o referido banho não havia cura. Dentro seus métodos estavam uma proibição e a liberação em determinados alimentos. Os proibidos: bolacha, azeite, miúdos, carne, de porco, bebida de qualidade nenhuma, peixe de couro e manteiga francesa. Alimentos liberados: peixe de escamas quiabo, café, chá, feijão, jerimum, carne do Ceará, carne de boi e pão. A cura segundo Bento relacionava-se a todos os conselhos que deveriam ser

[6] REPORTER NÃO IDENTIFICADO. Bento, na ocasião concede uma entrevista ao "Jornal Pequeno", relatando como descobriu seu dom de cura e seu método. Jornal Pequeno. Recife. Ano XIV, 09/11/1912. N° 258, p. 2

[7] REPORTER NÃO IDENTIFICADO. Bento José Veiga era analfabeto, assim não possuía nenhum conhecimento técnico da medicina, atuava por meio de sua fé. Jornal Pequeno. Recife. Ano XIV, 09/11/1912. N° 258, p. 2

seguidos piamente por seus devotos. Bento, segundo os jornais, reunia multidões em sua volta o que começou a gerar uma preocupação da então inspetoria de Higiene do estado, hoje, secretaria de saúde, devido às doenças contagiosas que muito dos seus devotos encontravam-se.

Segundo os relatos, um dia antes da entrevista, no dia 8 de novembro, Bento havia reunido cerca de mil pessoas. Muitas críticas surgiram nos jornais a Bento devido ao seu contato com pessoas da alta sociedade Pernambucana o buscavam também "É espantoso que, numa terra civilizada, e onde a cultura se acha num grau mais elevado, ainda haja quem se deixe levar pelas palavras ingênuas e crédulas de bento, ao ponto de acredita no poder mágico d'água que ele medica e regime esquemático que ele prescreve aos que lhe receitam[8]". Percebemos que, ao evidenciar o sistema de cura de Bento, o "Jornal Pequeno", o jornalista não identificado faz duras críticas aos métodos de bento. "É espantoso que, numa terra civilizada...".

2.2 BENTO: PERSEGUIÇÃO, PRISÃO E ESQUECIMENTO

Na medida em que a fama de Bento se propagava, maior a preocupação das autoridades do Estado, em especial do então inspetor da saúde, dr. Gouvêa de Barros[9], que temia o possível surto de doenças contagiosas. Isso despertou o cuidado das autoridades do Estado. Por isso, segundo o "Jornal Pequeno", o inspetor de Higiene do estado, dr. Barros, enviou ao chefe de polícia Francisco Porphirio, o seguinte ofício: "Sendo procedentes as notícias dadas pelos jornais desta cidade, relativamente a um maníaco de nome Bento, de tal e que se diz milagroso e curando todas as moléstias e determinando este fato grande afluência, aquele povoado, de doentes, muito dos quais, de moléstias contagiosas, que consiste em sério perigo à saúde pública individual. Solicito-vos, urgentes, enérgicas e decisivas medidas no sentido de ser cessada semelhante

[8] AUTOR NÃO IDENTIFICADO. Na reportagem exibida do "Jornal Pequeno", a manchete evidencia os métodos de cura de Bento e ao fim realiza várias críticas a ele. Jornal Pequeno. Recife. Ano XIV, 11/11/1912. N° 259, p. 3

[9] Tratava-se do então responsável pela saúde do estado, dr. Gouvêa Barros, que denunciou bento as autoridades de polícia do estado.

exploração, que, além dos inconvenientes acima demonstrados, traz mais o de atentado ao decreto ao art. 156 e 159, cap. 3° do nosso código penal[10]".

Assim, Bento entrou na mira das autoridades e segundo o "Jornal do Recife", sendo aconselhado a deixar à cidade e evitar encontros com as multidões. Cartas denunciando Bento chegaram à inspetoria, afirmando que se tratava de um charlatão. Além disso, percebemos que o curandeiro passou a ser mais criticado pelos jornais. O mesmo jornal, no dia 13 de novembro, evidenciava o fim da missão devido os conselhos da inspetoria de saúde e o seu encontro com o governador do estado. A matéria do "Pequeno |Jornal", dia 13 foi enfática ao relatar várias experiências dos curados do "milagreiro". As mais variadas experiências de cura, de problemas no coração ao pé, de dores de cabeça a problemas a tuberculose[11]. Muitas pessoas, dessa forma, se dirigiram ao palácio do governador a fim de encontrarem seu "santo".

Segundo o mesmo jornal, o encontro com o governador[12] estava marcado às 13 horas, mas até às 15 Bento não havia chegado e o número de pessoas aumentava bastante com o passar do tempo. Infelizmente não encontramos em nenhum dos jornais a respeito do que se passou no encontro. Apesar dos conselhos dados pelas autoridades do estado, Bento continuou sua "profissão". No dia 21 de novembro, o pequeno jornal noticiou que o "milagreiro" era buscado por muitas pessoas até mesmo da alta sociedade e era visto em passeio a carros. Em nossa pesquisa, verificamos a prisão de Bento. Segundo o "Jornal do Recife", do dia 28 de novembro de 1912, Bento fora preso[13] por ordem do chefe de polícia, o dr. Francisco Porphirio, que "ordenou sua prisão no dia 27 de novembro, às 9:

[10] AUTOR NÃO IDENTIFICADO. Na manchete deste dia do "Jornal Pequeno" evidencia o pedido enviado pelo então inspetor do estado, dr. Gouvêa de Barros, ao chefe de polícia Francisco Porphirio, na qual recomenda sérias medidas em relação a Bento José Veiga, por descumprir eventualmente o código penal, 157 e 159, assim recomendava-se sua prisão por infringir a lei. Jornal Pequeno. Recife. Ano XIV, 11/11/1912. N° 260, p. 4

[11] AUTOR NÃO IDENTIFICADO. Na reportagem apresenta diversos testemunhos das supostas curas de Bento em toda cidade. Mulheres e homens relatam ao jornal as experiências com o "Milagreiro". Jornal Pequeno. Recife. Ano XIV, 11/11/1912. N° 261, p. 3

[12] AUTOR NÃO IDENTIFICADO. Dantas Barreto foi presidente de Pernambuco, função exercida hoje ao oficio de Governador do Estado, entre 1911-15.

[13] AUTOR NÃO IDENTIFICADO. Na reportagem Jornal do Recife a matéria aborda que Bento Milagreiro foi preso no dia 27 de novembro, ás 9 da manhã, por tudo aquilo que os jornais estavam mencionando a respeito da situação de Beberibe com muitos leprosos doentes. Jornal do Recife. Ano. LV-N. N° 329, p.2

25 da manhã, na estação encruzilhada, pelo agente de polícia Francisco Bezerra, sendo conduzido para casa de detenção, onde ficou recolhido na sela de N° 2". Encontramos no relato do mesmo jornal o motivo da prisão de Bento.

"A prisão de Bento Milagroso teve por fim pôr-se um paradeiro ao que se estava passando em Beberibe. Efetivamente merecia um corretivo. O que ocorria, dado o grosso ajuntamento, nos três e naquele subúrbio, de pessoas, inclusive doentes, muitos de moléstias contagiosas. Era preciso acabar-se com semelhante inconveniência que poderia trazer funestos resultados para população desta cidade" Bento tinha um advogado, o dr. Trindade Henrique, compareceu a delegacia para tratar do seu cliente. No dia 29 de novembro o "milagreiro", de nome, Bento José Veiga, fora colocado em liberdade. Sendo solto, foi imediatamente cercado pelos seus fiéis que o acompanharam até Beberibe. Analisamos que posteriormente a prisão de Bento "milagreiro", os jornais noticiaram menos a sua presença e aos poucos pararam de noticiá-lo. Mas afinal por que Bento foi preso? A nova constituição, de 1889 garantia os direitos universais e a liberdade religiosa. Assim, podemos afirmar que Bento sofreram de perseguição religiosa? Para responder tal pergunta precisamos compreender o campo recifense, naquele momento dezenas de pessoas encontrava-se com doenças contagiosas, assim o surto tornava-se uma possibilidade real. A inspetoria de saúde do estado havia alertado Bento que ignorou os medidos e continuou suas práticas. Os jornais, posteriormente a prisão, pararam de noticiar a seu respeito, mas acreditamos segundo nossa hipótese, que ele continuou seu ofício de curandeiro de atendimento as pessoas.

3 A ENTRADA DOS JESUÍTAS EM 1910

Neste período conturbado na república brasileira, no ano de 1910, para ser mais exato, chegam aos primeiros membros da companhia de Jesus ao Brasil republicano. Estes loyolanos, portugueses, foram expulsos de Portugal devido à revolução liberal, que havia feito cair a monarquia e instaurado a república lusitana em 4 de outubro de 1910 (SILVA, 2015, p. 10).

Apesar das solicitações portuguesas para que o Brasil negasse a entrada dos jesuítas (SILVA, 2015, p. 11), tais missionários foram aceitos, apesar de gerar

descontentamento do Estado do Rio de Janeiro, como conta os jornais "Diário de Pernambuco" e "Jornal do Recife" no mesmo ano de 1910. Pelo que os jornais relatam, a comunidade carioca não via com bons olhos a entrada dos inacianos, e antes destes desembarcarem alguns manifestantes foram para as ruas. O presidente da época, Nilo Peçanha, preocupado com a ordem pública, como ele mesmo fala em resposta a pedidos de senhoras católicas a favor dos jesuítas, impede a entrada dos padres por alguns dias, mas acaba permitindo que desembarquem.

Em Pernambuco especificamente pareceu ter dois tipos de discursos sobre a figura dos jesuítas que podem ser representados pelos jornais já citados: "Diário de Pernambuco" e "Jornal do Recife". Simone Tiago Domingos escreve em sua tese de doutorado o seguinte sobre o "Diário de Pernambuco":

> Na década de 1860, tornara-se um jornal de grande porte, e o mais importante por ter sido porta-voz de seguidas administrações provinciais desde a década de 1840 e abrir espaço em suas páginas para todos os gêneros de notícias. (DOMINGOS, 2014, p. 223)

E parece que isto se manteve na década de 1910, visto que se percebeu nas pesquisas que o "Diário" abria espaço para todos que quisessem publicar, apesar de se posicionar a favor dos jesuítas, enquanto o "Jornal do Recife" os atacava, mesmo antes destes voltarem ao Brasil.

Na edição de 14 de agosto de 1910 o "Jornal do Recife" pública um texto com a manchete "Psychologia do Jesuíta" onde começa falando: "A história inteira dos jesuítas denuncia-lhes a desenfreada ambição de domínio e a total ausência de escrúpulos no caminham que pisam". O ataque vai ser maior quando estes voltam a Pernambuco em 1917, quando D. Sebastião Leme reitera do pedido de seu antecessor como arcebispo de Olinda e Recife para que a ordem dos inacianos criasse na capital pernambucana um colégio (SILVA, 2015, 12).

Os jesuítas aceitaram e compraram o palácio da Soledade para servir aos seus objetivos educacionais, contudo o "Jornal do Recife" ataca a decisão do arcebispo e pública em 19 de fevereiro de 1917 um texto que termina dizendo "Porque não nos parece

razoável facilitar a vinda dos jesuítas para Pernambuco, como educadores da mocidade", e ainda prometem retornar ao assunto, coisa que não o fazem pelo que se pesquisou.

Já o "Diário de Pernambuco", no que pareceu uma resposta ao jornal colega, pública em 22 de fevereiro de 1917 uma matéria com o título "intolerância anticonstitucional", onde defende a decisão do arcebispo D. Sebastião Leme e ainda fala "Seria Pernambuco o primeiro estado da união a dar o exemplo de intolerância religiosa e do fanatismo livre-pensador?"[14].

Despois deste evento, se notou o desaparecimento dos ataques pelo "Jornal do Recife" aos jesuítas. A partir desta data, aliás, o jornal publicou uma notícia falando do encerramento das aulas de 1917 do colégio Nobrega e termina "O Jornal fez-se representar"[15]. Parece que o "Jornal" percebeu que estaria sozinho nesta luta e julgou perdida a causa.

> De toda a Imprensa local, apenas o 'Jornal do Recife' se atreveu a censurar ligeiramente o Arcebispo por ter cedido o seu Palácio aos Jesuítas; mas vendo-se só sua lucta, depressa se calou. E mais tarde todos os jornaes do Recife se recusaram a aceitar contra o Arcebispo e contra nós, de modo que os maçons se viram obrigados a crear um jornaleco em Pau d'Alho, por nome Radical, para extravasarem a sua bílis. (DIÁRIO DE FUNDAÇÃO 1917- 1929 p. 08 apud SILVA, 2015, p. 29)

Assim, percebeu-se que o "Jornal do Recife" parou de publicar textos atacando os loyolanos. Na verdade, no dia 7 de outubro de 1918, o mesmo jornal lembra da chegada dos jesuítas em 1910 e chama de intolerantes os que se manifestaram contra a entrada dos padres. Ou seja, notou-se uma troca de discurso com relação os inacianos, parecendo até mesmo defendê-los.

[14] LIMA, OLIVEIRA. A matéria faz referência à venda do palácio da soledade, então sede do arcebispo de Recife e Olinda D. Sebastião Leme, e rebate as queixas daqueles que vêm com maus olhos a entrada dos jesuítas e Pernambuco, assim como a venda do prédio em si. Diário de Pernambuco. Recife. Ano 92. Nº 51. 22/02/1917, p. 3

[15] AUTOR NÃO INDENTIFICADO. A meteria noticia o fim do ano letivo no Colégio Nobrega, dos jesuítas, que antes havia sido o palácio da soledade. Esta notícia, pelo que se percebeu, marcou a mudança de narrativa do jornal com relação dos jesuítas. Jornal do Recife. Recife. Ano LX-N. Nº 338. 08/12/1917, p. 3

Pode-se ver, então, que a trajetória da década de 1910 da companhia de Jesus no Brasil não foi uma trajetória sem discussões. O grupo foi sendo atacado por alguns e defendidos por outros, como se mostrou nos exemplos acima, mas acabou que a ordem religiosa achou lugar em meio a sociedade e perdurou até os dias atuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se que que a Primeira República brasileira estava passando por questões religiosas conflitantes em seus primeiros anos. Se por um lado a constituição afirmava um país laico, por outros alguns grupos ainda tinham a mentalidade antiga de união entre Igreja e Estado, o que ocasionava disputas. É possível ver isso com os personagens abordados. Os jesuítas, que haviam perdido espaço em Portugal, viam no Brasil a chance de um recomeço, apesar de alguns jornais, e, de certa forma, também uma parte da população, os tratarem com hostilidades. E Bento, como foi abordado, tornou-se um personagem ora criticado, e muitas vezes amado por seus devotos. Compreender bem este período histórico é fundamental para analisar a disputa pelo campo religioso no início da República.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCASTRO, Luiz Felipe de; RENAUX, Maria Luiza. Caras e modos dos migrantes e imigrantes. In: ALENCASTRO, Luiz Felipe de (Org.). **História da vida privada no Brasil: Império – a corte nacional.** São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 291-335.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**: a condição feminina e a violência simbólica. 17. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

DOMINGOS, Simone Tiago. O retorno da Companhia de Jesus durante o Segundo Reinado. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História**, São Paulo, junho, 2011.

DOMINGOS, Simone Tiago. **POLÍTICA E RELIGIÃO**: repercussões da polêmica sobre o retorno dos jesuítas ao Brasil durante o segundo reinado (1840-1870). 2014. Tese (Doutorado em História) – UNICAMP, Campinas, 2014.

GOMES, César Leandro Santos. "O veneno da heresia deve ser queimado": o antiprotestantismo católico na imprensa pernambucana (1895-1910). **PLURA**, Revista de Estudos de Religião, ISSN 2179-0019, vol. 11, nº 2, 2020, p. 90-124.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. 3. ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015. p. 111-153.

MENEZES, Evily Lima. MARQUES, Luiz Carlos Luz. Botando Fogo em Nome de Deus: A uta pelo domínio no campo religioso no Recife, No início do século XX. XIII Colóquio de História da Unicap/ III Colóquio de História do PPGH. Recife, 2019. P. 728- 740.

NETO, Wenceslau Gonçalves. Política e religião em Minas Gerais: Estado e Igreja Católica no início da República. ANPHU – XXV Simpósio Nacional de História, Fortaleza, 2009.

O'MALLEY, John William. Uma história dos jesuítas: De Inácio de Loyola a nossos dias. São Paulo, Edições Loyola, 2017.

SILVA, Lizabethli Petronio Da. O COLÉGIO MANUEL DA NÓBREGA: O papel da educação jesuíta nos projetos de restauração católica no Recife (1917-1930). 2015. Tese (Doutorado em Filosofia) – UFPE, Recife, 2015.